

“Do principio da vontade de Arthur Schopenhauer; Em a descoberta do gênio;
ao principio da “crítica da razão pura”, em Kant”.

Cunha, Giselli E. Murari, Da

A genialidade opera sob o princípio da “vontade” que tem sua relação bem estabelecida com a objetividade e se reconhece na intuição e a afasta de qual queres fins que não seja os seus fins, isto é, o seu interesse.

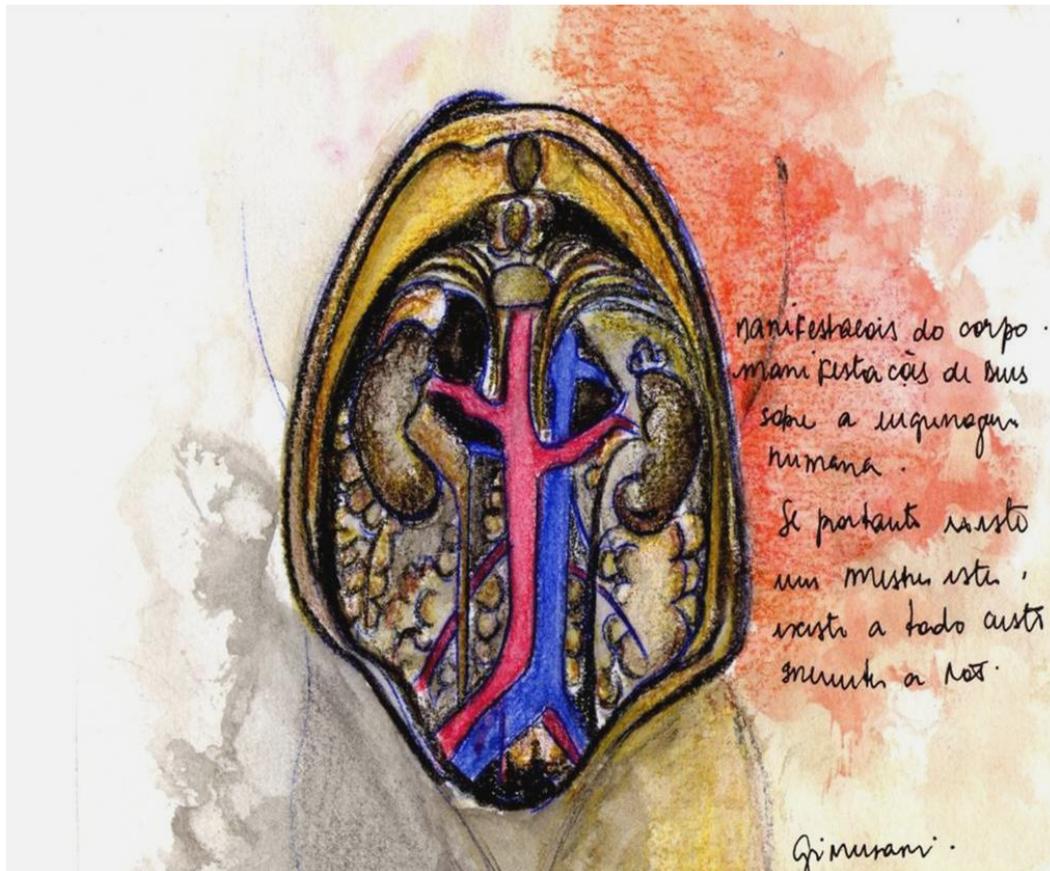
Atesta de modo duradouro a clareza de consciência do que foi apreendido pelo sujeito. E como o compararmos a um espelho límpido; a um esvaziamento mental que clareia as faculdades cognitivas a afastando-a das ideias pré-concebidas. Resta apenas “o puro sujeito que conhece”.

Não apenas considerar gênio aqueles que agem sob o principio das descobertas, mas é inegável que sua fonte de vivacidade veio-se mediante o principio da vontade. A vontade seria o desejo e a as descoberta advindas deste princípio é o resultado mais digno desta ação.

O que oscila no fenômeno de fixar em pensamentos esvaziados a consciência do gênio e assumindo uma postura excepcionalmente inteligível.

Donde os sentimentos que a nós é inerente o gênio desempenha sua função principal no plano subjetivo das ideias.

Mas para apreender o principio da genialidade tenhamos que compreender o principio da “vontade” do individuo de ir às últimas consequências, por além dos limites impostos subliminarmente pela “razão pura”.



O qual atua diferentemente em Kant onde a sensibilidade e o entendimento divergem quando da constituição do pensamento que assenta sua existência no princípio do fundamento. “Nada é, pois, sem uma razão”.

Em consequência, os valores cognitivos veem acompanhados de uma intensa atividade mental, já que sua manifestação no plano material corresponde a uma verdadeira trama de associações, influências, memórias, anseios e conhecimentos que justamente ao realizar-se atinge a máxima concentração e exigência.

Sensações subjetivas que não possa ser experimentadas e representadas, fala-se em um conhecimento “a priori” quando admitimos que este seja um composto daquilo que recebemos tais quais as impressões daquilo que, tão somente, nossa faculdade cognitiva se refere.

Se nos reportarmos a essas impressões veremos que esta é imbuída de significados não experimentados significados empíricos, tal qual uma melodia,

que não pode ser experimentada esteticamente, “toca-los”, mas sim apenas “senti-los”.

“É ter presente algo que se encontra ausente”. Uma sensação que nos é afetada subjetivamente. E, portanto, não há em quaisquer hipóteses uma representação para tais impressões.

Entretanto, para Schopenhauer “o mundo é minha representação, sim, mas ele também é minha vontade”. E, goza-la e experimentá-la torna-se, portanto, uma relação de extrema pessoalidade. Servidão da vontade daí a origem do gênio.

Atesta Schopenhauer a concepção do valor do puro sujeito do conhecimento esclarece-nos ao mesmo tempo, de maneira perfeita, todas as excentricidades e falhas de caráter que sempre se percebeu na individualidade dos seres geniais. Por exemplo, frequentemente se encontra em indivíduos geniais uma sobrecarga de cada disposição, não importa seu tipo, veemência dos afetos, mudança rápida do humor, melancolia predominante, tudo isso podendo ir às raias da loucura.ⁱⁱⁱ

Fala-se, portanto em perda da identidade do sujeito ele passa a não se reconhecer como sujeito e revela por, vias de fatos, a uma personalidade que se ausenta completamente.

No entanto, a ausência de personalidade referida por Schopenhauer cria uma dicotomia, criada por Kant em princípio da razão pura ele identifica no homem a capacidade de experimentar a obra de arte da forma que melhor convier.

No entanto, a contemplação atesta sob o princípio da vontade está atrelada ao princípio da razão, pois o sujeito não será capaz de fruir e elaborar motivos para julgar o valor pragmático e simbólico da obra de arte, sem, contudo, deter sua ideia que é o objeto a ser apreciado esteticamente.

A obra de arte aponta como mediadora das ideias do sujeito que realizou a ação.

A uma breve apreciação das pesquisas documentais do filósofo John Locke que atesta algo análogo às apreciações fomentadas: “O homem como um livro em branco” em seu *Ensaio sobre o entendimento humano*¹.

Reconheceu-se na afirmação que não há nada em nossa mente que tenha passado pelos nossos sentidos. John Locke reflete que nossa mente, no instante do nascimento, é um papel em branco sem nenhuma ideia previamente escrita.

Portanto, nossas primeiras ideias, as sensações que nos vêm à através do sentido (sensações cognitivas) são, portanto, moldadas pelas qualidades próprias dos objetos externos (materialidade pictórica).

E isto complementa minha ideia e reafirma o princípio da vontade apontada por Schopenhauer; em suas preleções proferidas pela Metafísica do Belo, no que tange a literatura de Lock.

ⁱ . LOCKE, John; SOVERAL, Eduardo Abranches de. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. xx, 1029 p. - (Textos clássicos)

ⁱⁱ Essa descrição que Arthur Schopenhauer faz do puro sujeito do conhecimento, da capacidade genial.

O primeiro contato com a Metafísica é doloroso, pois o entendimento alcançado ainda é frágil passivo de não obter sua compreensão de imediato. Ainda assim, mesmo sem saber com clareza ao término de apreciação detalhada de pesquisas documentais.

E, por fim, o seu significante e significado ainda confusos começa a dar corpo e forma sob o princípio da vontade.